

O casamento em Portugal à luz do teatro de cordel do século XVIII

LUÍS MANUEL TARUJO

Para além de uma instituição de cariz jurídico subordinada ao poder da Igreja, o casamento no Ocidente setecentista afirma-se vinculado a condicionalismos socioeconómicos e políticos próprios da época em que ocorre, contribuindo significativamente, e deste modo, para a construção de uma autêntica história das mentalidades. O Estado promoverá o casamento como forma de preservar a ordem social, já que considera a família como uma célula imprescindível, pois ela garante a formação dos futuros cidadãos, que terão de seguir os princípios estabelecidos socialmente. Por outro lado, as razões económicas condicionam o casamento, tido como salvaguarda do património familiar. A Igreja detém, igualmente, neste contexto, um papel fundamental no estabelecimento de regras de conduta baseadas em preceitos bíblicos, garantindo a satisfação da monogamia como valor moral e dos papéis que cada membro do casal deve observar.

Como se sabe, as relações sociais começam, em Setecentos, a sofrer profundas alterações advenientes dos modelos iluministas que cada vez mais se impõem, causando um inquestionável impacto nas formas de união matrimonial. De entre estas, uma das mais importantes foi, sem dúvida, a que defendia o livre arbítrio dos noivos. A literatura de cordel, mormente o seu teatro, afigura-se como uma prova viva destas mudanças. Foi com este objetivo que decidimos, ainda que sucintamente, analisar um conjunto de folhetos de cordel que ilustram, na perfeição, uma verdadeira «revolução» na forma como as pessoas encaram a união matrimonial. Por outras palavras, e de acordo com uma destacada personagem dos folhetos de cordel que cotejámos, a união matrimonial deveria

resumir-se ao seguinte: «(...) ifto de cazamentos devem ter trez coizas, a primeira, he a boa eſcolha, a ſegunda, ſer falado, a terceira, logo feito».¹

Os folhetos analisados preferem tratar com mais acuidade a fase prévia ao enlace matrimonial, uma vez que esta permite potenciar o jogo amoroso que se consubstancia em intrigas bastante interessantes e variadas. A tensão provocada por discussões acerca da liberdade de escolha do parceiro é, por exemplo, um aspeto bastante trabalhado e certamente do agrado do público. Conscientes desta realidade, os dramaturgos apostavam em intrigas genericamente semelhantes, o que faz com que os textos aparentem alguma monotonia temática que tentamos desmistificar com a presente reflexão. Torna-se fulcral sublinhar que da vida marital estavam, de facto, ausentes as paixões incontroláveis, a vida no fio da navalha, a alegria da descoberta do outro. Assim se compreende que o número de folhetos que se detêm nesta fase da vida do casal é significativamente menor se comparado à quantidade de peças que optam por apresentar as personagens principais ainda solteiras e desejosas de casar. Apesar de tudo, quando se realiza, o casamento constitui a felicidade suprema. É Salafinario quem o diz quando, finalmente, dá a sua mão a Ladina, no *Novo, e Divertido Entremez Intitulado O Cazamento de huma Velha com hum Paralta, e a Má Vida que elle lhe Deu* (s/d): «Rapariga, aqui tens eſta mão, da-me a tua, aperta bem, que niſto conſiſte o verdadeiro amor».² Sendo assim, o sucesso do folheto estava garantido, justificando o elevado interesse que o homem de Setecentos nutria por todas as questões relacionadas com o enlace matrimonial. De facto, os utentes do teatro de

1 *Novo, e Divertido Entremez Intitulado O Contentamento dos Pretos por Terem a sua Alforria*. Lisboa: Na Offic. de Domingos Gonsalves. Anno MDCCCLX, p. 10.

2 *Novo e Divertido Entremez Intitulado O Cazamento de huma Velha com hum Peralta, e a Má Vida, que Elle Lhe Deu*. Lisboa: Na Officina de Domingos Gonsalves, s/d, p. 15.

cordel deixavam-se cativar por temáticas similares à sua vivência social e o casamento era uma das mais profícuas. Seria, por isso, o casamento — e tudo o que ele representa — aproveitado para fazer passar críticas, por vezes severas, aos vícios da sociedade de então. Neste âmbito, particular importância parecem ter as situações que implicam algum sofrimento por parte dos noivos que, contra a sua vontade, tinham de se sujeitar aos desígnios de pais e tutores na escolha do consorte, apesar de considerarem que «(o) estado he elleição arbitraria: sobre elle ninguem mais do que o Ceo tem poder»³, pelo que «o Matrimonio / não deve ser violentado, / nem podemos ser padrinhos, / sem consentimento de ambos»⁴. Como adianta José Mattoso (1986, p. 41),

sempre existiu uma tensão entre o papel atribuído aos parentes na escolha do parceiro sexual ou conjugal e a autonomia dos sujeitos diretos de tal relação. Lembremos apenas que esta tensão é tema eterno da literatura e da arte, constantemente proferido pelo seu valor emocional e dramático nas representações a que se atribui valor exemplar.

Casar assumia-se, porém, como sinónimo de sacrifício e o amor, que deveria estar na sua origem, era tudo menos aprazível. A exaltação do prazer pelo prazer não se coadunava com um tipo de amor que deveria ser digno de respeito. A modéstia deixa de ser uma qualidade e é substituída pela ausência de pudor, o que torna o amor obsceno. Cortesã e esposa deixam, aos olhos dos homens, de se distinguir, o que acarretava muitos problemas que iriam abalar a estabilidade do tecido social.

3 *Novo Entremez Intitulado O Velho Presumido e Enganado, e por fim Chorando, e Vendo*. Lisboa: Na Officina de Domingos Gonsalves, Anno MDCCLXXXV, p. 11.

4 *Novo Entremez Intitulado O Çapateiro Surdo*. Lisboa: Na Officina de Francisco Borges de Souja, Anno de 1792, p. 15.

Pelo exposto, facilmente concluiremos que não há lugar nas peças para os casamentos venturosos. A felicidade no casamento, como vimos, não possuía o necessário para cativar o público do teatro de cordel: conflitos, enganos, brigas, reconciliações e festa, muita festa, como forma de comemorar a vitória do amor sobre tudo. Eram precisamente estes ingredientes que ditavam o sucesso dos entremezes junto do público nacional. Os gostos da época não dispensavam as mais inusitadas mentiras de amor, as rocambolescas tentativas de sedução e, principalmente, um ambiente fervilhante de paixões amorosas que percorre a quase totalidade dos folhetos de cordel estudados e que os pais dos jovens apaixonados tentam refrear a todo o transe. Quanto mais durasse esta espécie de jogo de forças entre pais e filhos, aguçado, quase sempre, por interesses materiais, mais cativado era o espectador, completamente rendido às paixões, muitas vezes proibidas, que alimentavam a ação dramática e a precipitavam para um desfecho que, regra geral, era bastante previsível. Assim se entende que o casamento por amor está maioritariamente presente nos folhetos de cordel — pelo menos em tese —, o que sucede, por exemplo, no *Novo, e Divertido Entremez Intitulado Os Tres Cazamentos Gostozos*, de 1792. Ao saber que o pai era contra a sua união com Cleonte, Izabel confessa à criada Nerina que casou em segredo com o amado:

Ner. Eis-ahi hum Pai, que merecia que a filha se cazasse por si mesmo.

Iz. Tu farias isso?

Ner. Eu já então me teria cazado dez vezes.

Iz. Pois foi o que eu fiz: sou esposa de Cleonte e este casamento se fez os dias passados em casa de minha tia, onde Cleonte hia todos os dias (...).⁵

⁵ *Novo, e Divertido Entremez Intitulado Os Tres Cazamentos Gostozos*. Lisboa: Na Officina de Francisco Borges de Sousa, Anno de 1792, p. 4.

No final deste folheto, ficamos a saber que não foi apenas Izabel quem casou em segredo. Também seu irmão Valerio fez o mesmo. O pai, que tinha previsto outro futuro para os dois filhos, acaba por perdoar ambos, uma vez que ele próprio tinha casado em segredo. Apesar do exagero dos enganos, a peça espelha aquilo que, na realidade, acontecia no período que aqui mais nos interessa: casamentos impostos pelos pais que se opõem às tentativas de contrariar esta situação na procura de um verdadeiro amor. Devido a esta situação, em regra, os progenitores apenas tomavam conhecimento do casamento das filhas depois de estas se terem recebido, como se prova n' *O Novo, e Gracioso Entremez Intitulado O Grande Calote, que a Criada Pregou ao Velho, e o Logro em que Cahio, por não Deixar Cazar a Filha*, de 1793, quando D. Telo pergunta à amada Rozaura se o seu pai tem noção das intenções dos dois: «D. Tel. (...) ora pergunto, voffo Pai sabe do noffo casamento? / Roz. Não meu bem, basta que elle o saiba em nós nos recebendo». ⁶.

O anteriormente convocado *Novo, e Divertido Entremez Intitulado O Contentamento dos Pretos, por Terem a sua Alforria*, de 1787, revela que a culpa pela desobediência dos filhos no que ao casamento diz respeito é inteiramente dos pais que não os sabem educar. Eis o que, a este propósito, diz Pantalaão, o pai de Isbella: «Je todos os Pais dezempenhacem as suas obrigaçoens com a austeridade que eu figo, rarißimas vezes Je incontrariaõ filhas deßgraçadas com maridos lebertinos, e loucos». ⁷

No folheto intitulado *Os Banhos de Mar na Junqueira, e Sitio de Santa Apollonia*, de 1786, D. Curriqueira concorda

⁶ *O Novo, e Gracioso Entremez Intitulado O Grande Calote, que a Criada Pregou ao Velho, e o Logro em que Cahio, por não Deixar Cazar a Filha*, Composto por M. D. N. Lisboa: Na Officina de Antonio Gomes, Anno 1793, p. 5.

⁷ *Novo, e Divertido Entremez Intitulado O Contentamento dos Pretos por Terem a sua Alforria*, p. 11.

com o facto de uma rapariga que com ela costuma ir a banhos ter desobedecido ao pai, que a queria ver casada contra a sua vontade, pelo que agora namora às escondidas dele:

De forte que a tal rapariga esteve justa para casar c'um fugeito (...). E vai como seu pai, depois de ter dado o fim, mijou na palavra, que faz ella? Fez-je tão doente, e apouquentada, que o pai não teve outro remedio senão chamar hum curão seu conhecido, o qual lhe mandou tomar banhos do mar. Então que faz ella? Aproveita-je da occasião para falar ao seu rapaz em quanto está no banho; e por isso he que vai lá tão longe. Olhe? Diz que tirão a ferruge á lingua á regalada de Moura. Ora eu dou-lhe razão. Ella quer-lhe bem... O mesmo fizera eu, depois de estar justa... Faz muito bem. Só para ensinar o cachorro do velho.⁸

Esta realidade não seria de espantar se não fosse denunciada por uma mulher casada, de outra geração, o que deixa antever as mudanças de mentalidade que começam a pulular no Setecentismo português e que agora acabam por, paulatinamente, contaminar os mais velhos.

Situação inusitada é a que surge no *Novo Entremez O Doutor Sovina* (s/d). Sem saber que Silverio lhe pede conselhos sobre o relacionamento com a sua própria filha, o Doutor Sovina incita-o a casar às escondidas dos pais da mulher que ama:

Pois sabe o que ha de fazer? Vá logo ter com a tal rapariga. Diga-lhe que embolle o Pai com alguma endromina; *virbi gratia*, que lhe peça licença para se hir

8 *Os Banhos de Mar na Junqueira, e Sitio de Santa Apollonia, vistos da terra pelo Oculo Crítico de ver as couças como são*. Obra muito util a todos, que defejarem não morrer affogados no mar inexgotavel das lograções mulheris. Composta por huma testemunha com testa, e dada a' luz po Matusio Matoso Matos da Mata. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Anno M. DCC. LXXXVI, p. 10.

confeſſar, ou fazer viſita a alguma parenta. Pregelhem-ſe na Igreja, e recebem-ſe. Depois diga ao Pai que lhe pegue com hum trapo quente.⁹

No *Novo Entremez Intitulado: O Peralta Disvelado, e a Dama Desvanecida*, de 1778, Lizarda diz ao pai, que pensa uni-la a um homem bastante rico, ser impossível casar contra a sua vontade, o que tornaria insuportável a vida a dois:

Ah meu Pai: Não queira V. m. ſer motor de eu viver toda a vida afflictiva, cazando-me com peſſoa, q não ſeja da minha vontade; pois não ha couza peor neſta vida, que he o deſgoſto de dous cazados: he hũa continua inquietação; e por fim, he viver ſempre em hũa perpetua deſordem.¹⁰

E, para Lizarda, não há dinheiro nenhum que supra a falta de amor: «Mas de que me ſerve a riqueza, e poſſuí-la com triſteza, e amofinação, na companhia talvez de hum homem, que ſeja o meu odio.»¹¹

Em todos os folhetos que tratam o casamento dos amantes às escondidas dos pais da noiva, a descoberta desta situação por parte do progenitor nunca conduz à anulação do matrimónio. Por isso, o pai irrita-se, manifesta-se contra o engano de que fora vítima, mas acaba por aceitar a união como facto consumado, reconhecendo a validade da mesma. No *Entremez, ou Novo Drama Intitulado Raras Astucias de Amor*, de 1791, é o que sucede. Estas são as palavras de Tritão dirigidas à filha e seu marido: «Com que aſſim voſſas mercês me lograõ! Cazaõ

⁹ *Novo Entremez O Doutor Sovina*. Composto por Manoel Rodrigues Maia, Para se Representar no Real Theatro de S. Carlos. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, s/d, p. 7.

¹⁰ *Novo Entremez Intitulado: O Peralta Disvelado, e a Dama Desvanecida*. Lisboa: Na Off. De Francisco Sabino dos Santos, s/d, p. 6.

¹¹ *Idem*, p. 7.

sem minha licença com rodeios, e endrominas! (...) E[st]á feito, e[st]ão cazados, em paz se logrem»¹².

Apesar de a realidade setecentista mostrar o casamento como uma questão de famílias, sobretudo no que diz respeito à nobreza, com implicações económicas nada displicentes¹³, os entremezes de cordel, não deixando de a representar, como seria de esperar, acabam por, em simultâneo, eleger o amor¹⁴ como condição essencial para o matrimónio junto das classes mais baixas, mormente da burguesia. Temos conhecimento de um folheto — o *Novo Entremez Intitulado: Os Amantes Desconfiados* (1777) — em que o dramaturgo coloca na boca de Ambrozio, pai de Filisbina, uma reflexão acerca da liberdade que se deve conceder aos filhos no que ao seu casamento diz respeito, depois de ouvir a filha rejeitar o pretendente rico e velho que ele próprio tinha escolhido para genro:

12 *Entremez ou Novo Drama Intitulado Raras Astucias de Amor*. Por Henrique de Sousa, e Almeida. Lisboa: Na Officina de Francisco Borges de Sousa, Anno de 1791, p. 16. *Novo, e Devertido Entremez Intitulado Cazamento por Nova Ideia*. Lisboa: Na Offic. de Francisco Borges de Sousa, Anno de 1792, p. 4.

13 Segundo a mentalidade da época, o casamento não necessitava de amor para ser realizado. Acreditava-se que ele nasceria depois, com a convivência (cf. o *Novo e Divertido Entremez Intitulado Casamento por Nova Ideia*, 1792). Por isso, não admira que muitos casamentos se tenham realizado sem que os noivos se tivessem visto antes.

14 Convirá, a este propósito, atentar nas palavras de Maria José Moutinho Santos (1987, p. 79): «Se o Amor tinha sido a palavra de ordem nas histórias que envolviam as solteiras, ei-lo que desaparece de cena quando transpomos o limiar do matrimónio. A linguagem amorosa, ligada aos rituais de nupcialidade, não faz já parte do vocabulário dos esposos. Não há nas suas palavras, nas suas intenções ou atitudes, o mais pequeno sinal de ternura ou cumplicidade e, muito menos, de paixão ou carga erótica. Isto não traduz uma representação da incompatibilidade entre o amor e o casamento ou o excessivo zelo da Censura. O que está em causa neste silêncio não são os sentimentos, mas as normas e as formas de comportamento que regulavam a sua expressão exterior.»

Pobre homem! eſtá accezo de amor: coitado! Mas Filisbina vale hũa mina; em poucas palavras lhe pôs tudo em pratos limpos: Não ha duvida, q eu não ſe me dava, q ella cazaſſe com elle, por ſer rico; mas aquellas palavras, q diſſe: *O Matrimonio não deve ſer violentado*, fizeraõ-me de todo eſcurecer a luz, que tinha, de fazer ſimilhante cazamento. *O Matrimonio não deve ſer violentado!* ſempre ſão palavras de quem tem juizo! Emfim, he filha deſte Pai, q he o que baſta. *O Matrimonio não deve ſer violentado!* (*confiderando.*) *que não deve ſer violentado!* Affim he, não deve ſer violentado. Benza-te Deos! daqui a poucos annos, todos fallaráõ da eſperteza de minha filha.¹⁵

No final dos folhetos triunfa sempre o amor¹⁶, depois de uma série de conflitos ter preenchido a diegese dramática; por um lado, assistimos à vontade dos pais em obrigar as filhas a um casamento de conveniência; por outro, a luta das filhas em querer para si quem as ame verdadeiramente, mesmo que, para isso, tenham de afrontar a autoridade dos pais. Será, pois, esta luta entre o dinheiro e o amor que dominará a intriga de grande parte dos folhetos de cordel analisados. Acaba, porém, por sair vencedor deste confronto o amor, fruto da persistência, sobretudo das jovens, que não queriam comprometer o seu futuro no que à felicidade diz respeito. Esta atitude reivindicativa das mulheres resultou da crescente convivência com os homens, «seguindo a corrente da sociabilidade urbana que as não afastou, como o fez às jovens fidalgas.» (Lopes, 1989,

15 *Novo Entremez Intitulado: Os Amantes Desconfiados*. Lisboa: Na Officina de Francisco Sabino dos Santos, Anno 1777, p. 6.

16 Veja-se, a este propósito, o texto de Dominique Godineau (1996, p. 441): «Le couple des Lumières doit être construit sur les sentiments et non sur les convenances. Il n'est pas pensé comme lieu d'affrontement entre l'homme et la femme mais comme lieu d'harmonie et d'épanouissement personnel, construit par deux partenaires».

p. 116). O mesmo acontecia nas zonas rurais, onde os jovens resistiam como podiam ao modelo de casamento imposto pelos pais¹⁷. Esta era mais uma conquista das mulheres setecentistas: pela primeira vez, tiveram a liberdade de eleger um homem de acordo com os seus próprios interesses. É a emancipada Joanna quem, no *Novo Entremez Intitulado O Çapateiro Surdo* (1792), assume o comando da sua vida no que ao matrimónio diz respeito:

(...) quer cafar-me
a fenhora minha tia
com homem de quem não tenho
mais do que a breve noticia
de que he çapateiro rico,
e official como trinta.
De mais nada fei, e como
nos outras as raparigas
pertendemos igualdades
no cafamento; precisa
faber eu fe o noivo he moço;
ou algum zelofo ginja,
que haja de martyrifar-me
com zellos a triste vida:
e como eu fou a que cafo,
e tenho lembrança viva
de que meu pai, que Deos haja,

17 Não podemos esquecer que, nas cidades, os interesses materiais ainda eram fundamentais quando se tratava de escolher marido. Seria necessário esperar muito tempo para que uma nova tendência, oriunda da Inglaterra aristocrática, chegasse aos países do Sul da Europa. Aquele país «encontrava-se um passo à frente do resto da Europa no desenvolvimento de uma nova ideologia da família, onde relações mais estreitas, mais afetuosas e mais igualitárias entre marido e mulher, e entre pais e filhos, substituíam a hierarquia patriarcal que tinha vigorado desde a Baixa Idade Média» (Grieco, 1994, p. 99).

diverſas vezes dizia,
ver, e crer como Thomé,
fiz agora eſta ſahida
de caſa, jó para vèr
ſe neſta o noivo acharia (...).¹⁸

Felizmente, todas as uniões tendem a acabar bem, triunfando o «livre consentimento dos contraentes», valorizando-se o sentimento e a necessidade de felicidade comum aos seres humanos. Este desiderato não corresponderá totalmente à verdade, mas a um desejo forte por parte de todos os nubentes, uma vez que a realidade era bem diferente. É o que se pode constatar pela leitura atenta do *Novo Entremez Intitulado O Medico Fingido*, de 1783. Discutindo com o pai, Aurélia defende a seriedade do casamento enquanto união para toda a vida, o que lhe permite reivindicar o respeito pela sua vontade: «Mas nunca vossa mercê o ajuste (o casamento), sem me dizer com quem, e deixar-me ver a pessoa; pois bem sabe, que he huma cousa, que hade durar toda a vida, e não se deve admittir com vontade violentada.»¹⁹.

No entremez *A Cozinheira Amoroza*, de 1792, Lizeta, a criada, tenta consolar a ama, que se queixa do sacrificio a que o pai a obriga quando escolheu, sem discorrer com ela, um marido «conveniente». Parecendo conhecer muito bem a realidade, Lizeta acrescenta que muitos casamentos fracassam devido à intromissão dos pais na vida amorosa dos filhos:

Estes pais assentaõ consigo que são senhores das vontades dos filhos, na eleição dos seus estados, e muita vezes por este dispotismo os sacrificão; e se o noivo que huma filha busca, he capaz, se igualla ao seu nascimento

18 *Novo Entremez Intitulado o Çapateiro Surdo*, p. 7.

19 *Novo Entremez Intitulado O Medico Fingido*. Lisboa: Na Officina de Domingos Gonsalves, Anno de M.DCC.LXXXIII, p. 3.

e estado; para que haõ de querer entregalla a outro? para que haõ de querer desgostalla? exaqui porque ha tantos cazamentos infelizes, dezunidas as vontades, entra a guerra do disgosto, e não pode haver felicidade.²⁰

Contrariadas, as filhas odeiam os pretendentes escolhidos pelos pais, muitas vezes sem os conhecerem. São muitos os epítetos que as pobres raparigas atribuem a esses candidatos, eleitos unicamente por terem dinheiro. Vejamos alguns dessas palavras proferidas num mesmo folheto: «labrego»²¹; «hum tal monstro»²²; «alambazado»²³; «bronco»²⁴; «lorpa»²⁵. Quanto aos progenitores, nada lhes resta fazer senão reconhecer o seu erro — ao tentarem violentar a vontade das filhas — e pedir-lhes perdão²⁶.

A terminar, achamos oportuno acrescentar mais uma nota de modernidade no que ao casamento setecentista diz respeito, mormente no que se refere ao trabalho da mulher e consequente emancipação feminina. Ao lermos o *Novo, e Divertido Entremez Intitulado As Girias das Cozinheiras, e a Paciencia das Amas*, de 1786, deparamos com Machavel que fala com o seu amigo Paçoal e com o amo deste, o velho Laurianno,

20 *Novo Entremez Intitulado A Cozinheira Amoroza*. Lisboa: Na Officina de Antonio Gomes, Anno de 1792, p. 10.

21 *Novo Entremez Intitulado O Espozo Fingido*. Lisboa: Na Officina de Antonio Gomes, Anno M.DCC.LXXXI, p. 2.

22 *Idem*, p. 6.

23 *Idem*, p. 9.

24 *Ibidem*.

25 *Idem*, p. 13.

26 De facto, sobretudo no final do século XVIII, as raparigas jovens das classes dominantes começam a fazer-se ouvir e os pais, contrariamente ao que sucedia até ao momento, acatam as decisões das filhas e recebem de bom grado os genros escolhidos por elas. A esta mudança não será alheio o conhecimento que as famílias passam a ter acerca dos efeitos perniciosos dos casamentos combinados, graças à difusão da literatura que versa o tema.

acerca do seu casamento. Feliz, Machavel faz planos para o futuro de uma vida a dois:

A minha Ignez he mestra em ajar castanhas, tem boa voz, e me gritando quentinhas, ora quentinhas, vende cada dia mais de vinte ajadores dellas, e ganho no fim muito bons vinténs naõ fallando na herança que tive de hum tio que me morreo, que se quizejse fallar niyto, podia muito bem pôr a minha taberna, com xanfana á porta, e boa taboleta pintada, que disejse bello vinho, e fosse affim na verdade! veja V. m. se Ignez naõ vai ser huma heroína, vai lidar com dinheiros, e vai ser dona da sua casa²⁷.

Porém, Laurianno não concorda com o facto de ser a mulher a trabalhar para garantir o sustento da casa: «Tem vojjês baixos e espiritos, as mulheres naõ devem com o seu trabalho sustentar a seus maridos.»²⁸.

Mas Pascoal explica que o trabalho feminino é uma forma de marido e mulher partilharem as responsabilidades, o que, note-se, constitui uma reviravolta nas mentalidades portuguesas de Setecentos: «Iyto naõ he sustentar, he ajudar hum ao outro, sempre ouvi dizer, que o casar era hum grande peço, e levando-o ambos vamos menos carregados.»²⁹.

De facto, para os pais das jovens casadoiras, o dinheiro nunca é demasiado e deverá ser tido em conta, mesmo que eles próprios sejam ricos. Por vezes, acabam por insistir nessa obsessão pelo vil metal. É o que sucede no já citado *Entremez, ou Novo Drama Intitulado Raras Astucias de Amor*, de 1791, quando o velho Tritaõ, pensando que o pretendente da filha é um mineiro abastado, afirma:

27 *Novo, e Divertido Entremez Intitulado As Gírias das Cozinheiras, e a Paciencia das Amas*. Lisboa: Na Officina Morazziana, Anno 1786, p. 14.

28 *Ibidem*.

29 *Ibidem*.

(Muito rico he este Mineiro! Quem me dêra aproveitar da sua riqueza! Só conseguiria o meu desejo, se elle cazasse com minha filha, que sem dúvida hia bem empregada; e depois juntas ás suas ás minhas riquezas, eu metteria terror de ser tão rico, e todos me respeitariaõ [...]. á parte.³⁰

No *Novo Entremez Intitulado O Novelleiro Extravagante, e o Poeta Vaidozo, com a Grande Desordem, que lhe Succedeo em Casa do Velho Rabugento nas Assembléas das Filhas*, de 1789, o dinheiro surge como uma espécie de maldição para as filhas de Sovina, Lesbia e Flora, pois seu pai, apesar de riquíssimo, deseja para genros unicamente homens endinheirados, ainda que velhos. Por isso, Lesbia lamenta: «De que nos servem as riquezas, senão de vivermos apouquentadas?»³¹.

No que diz respeito à peça *Tristes Lamentaçoens das mays Embusteyras, Amargozo Pranto das Moças Plebeas, e Garotas*, publicada em 1786, é a mãe quem, desta feita, se preocupa com o destino das filhas e tudo faz para «pescar» o pretendente rico de uma delas. Apesar de longa, a fala de Alcofina é reveladora dos interesses duvidosos que levam uma mãe a tratar do «melhor» futuro para as suas descendentes, mesmo que, para isso, tenha de obrigar um homem rico a casar:

aqui para nós, os homens são inconstantes, tem muito quem os queira, e se não vão por assalto, e armação não cação com pobres, e de mais servia de desculpa para o mundo o ter a gente recurso de os obrigar como verbi-gracia hum homem negociante muito rico, que vem aqui

³⁰ *Entremez ou Novo Drama, Intitulado Raras Astucias de Amor*, p. 7.

³¹ *Novo Entremez, Intitulado O Novelleiro Extravagante, e o Poeta Vaidozo, com a Grande Desordem, que lhe succedeo em Casa do Velho Rabugento nas Assembléas das Filhas*. Lisboa: Na Typografia Nunesana, Anno MDCCXXXIX, p. 8.

a minha caſa, e ama muito deveras a minha filha Marina, elle he paſſaro velho, não o pilhaõ, não o pilhaõ, eu claramente ſei iſto; mas como elle e tras veſtida ás mil maravilhas, e me ſustenta a maior parte do anno, e eu ſou como ſe ſabe huma viuva pobriſſima, vou fazendo a viſta gorda, e a vizinhança digo eſte ſenhor que aqui vem, quer caſar com minha filha, ellas me aconselhaõ, que o ſegure, e eu a iſto reſpondo, que já cá tenho na unha a ſegurança em hum eſcrito de caſamento, que niſto eſtejaõ ſeguras, que não ſou eu mulher com quem elle brinque, e aſſim a minha honra não padecia; agora, que ſegurança heide dar deſte contrato daqui em diante³².

Face ao exposto, podemos afirmar que, parecendo imunes à resistência das filhas, os pais insistem em casá-las com alguém que lhes possa garantir um bom futuro, mesmo que se trate de um homem muito mais velho, pois consideram que os casamentos por amor são muito perigosos e costumam terminar mal. Pelo contrário, o casamento terá de ser, na perspectiva daqueles, encarado unicamente como uma transação de cariz comercial ou social. Por isso, não interessa que o pretendente das filhas seja um jovem pujante ou um velho doente, porém abastado. Veja-se o que acontece no *Novo, e Devertido Entremez Intitulado Cazamento por Nova Ideia*, de 1792. Nesta engraçada peça, Flávio diz à sua filha Angélica que não desiste da intenção de a casar com o seu amigo de longa data (e tão velho como ele), mesmo sabendo que ela o rejeita. Desvaloriza-se, mais uma vez, o amor como condição primordial para o enlace matrimonial: «(...) quanto ao amor elle com o tempo se fará, he rico, e tanto baste, para que vivas alegre; em fim, eu cá me entendo, e sei muito bem o que faço, não me replique

32 *Tristes Lamentaçoens das Mays Embusteiras, Amargoço Pranto das Moças Plebeas, e Garotas*. Lisboa: Na Offic. de José de Aquino Bulhoens, Anno de 1786, p. 6.

mais, ha de ter noivo ricasso, e coitada de você se me olhar para paraltas.» (p. 4).

De facto, o interesse dos progenitores em garantir um futuro promissor aos filhos leva-os a equacionar unicamente o casamento como uma meta a atingir. Esta situação é válida tanto para as raparigas como para os rapazes. No *Novo Entremez O Velho Honrado, e Prudente*, editado em 1785, Theobaldo, vendo que o seu filho Bartolino não consegue terminar o seu curso universitário, decide, ao menos, casá-lo bem. A ideia parece agradar ao seu herdeiro: «*Theob.* (...) e já que Bartolino não tem genio para o estudo, procurarei cazalo. / *Bart.* Sim, dilectíssimo, e amabilíssimo Pai. Vamos ao esjonfalicio.»³³

Em síntese, depreendemos, da leitura atenta dos folhetos analisados, que a temática relativa ao casamento é deveras importante. Apesar de a maioria dos rapazes e raparigas solteiros desejarem contrair matrimónio livremente, o destaque dos folhetos analisados é conferido aos indivíduos que acabam por casar para satisfazer os caprichos dos progenitores, não tendo, na maior parte dos casos, muitos motivos para sorrir. As constantes discussões com o marido, que tenta, por tudo, manter a esposa fechada em casa, levam-na a odiá-lo e a arrepender-se amarguradamente do dia em que casou. A fim de perpetuar a paz familiar e proporcionar aos filhos uma estabilidade emocional capaz de garantir a sua sanidade mental, a mulher rebaixa-se perante o esposo, desistindo, muitas vezes, dos sonhos que foi alimentando ao longo do tempo. Mas nem sempre isso acontece, o que constitui uma prova viva de emancipação feminina: porque vive intensamente subjugada aos caprichos de um homem que apenas a usa a seu bel-prazer, a mulher casada assumirá um papel de destaque na longa caminhada rumo à igualdade de direitos entre os sexos. O seu

³³ *Novo Entremez O Velho Honrado, e Prudente*. Lisboa: Na Officina de Domingos Gonsalves, Anno de MDCLXXXV, p. 13.

exemplo inspirará as gerações mais novas, que começam a exigir o respeito pela sua vontade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bologne, Jean-Claude (1999). *História do casamento no Ocidente*. Lisboa: Temas e Debates.
- Carreira, Laureano, s/d. *O teatro e a censura em Portugal na segunda metade do século XVIII*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda,
- Dias, Isabel (2003). *Representações e práticas de violência doméstica em famílias de diferentes meios socioprofissionais*. Tese de Doutoramento em Sociologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Godineau, Dominique (1996). «La Femme», *L'Homme des Lumières*. Paris: Éditions du Seuil.
- Grieco, Sara F. Matthews (1994). «O corpo, aparência e sexualidade», *História das mulheres - do Renascimento à Idade Moderna*. Vol. 3. Porto: Edições Afrontamento.
- Lopes, Maria Antónia (1989). *Mulheres, espaço e sociabilidade: A transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias (segunda metade do século XVIII)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Martín Gaité, Carmen (1981). *Usos amorosos del dieciocho en España*. Barcelona: Editorial Lumen.
- Mattoso, José (1986). «A mulher e a família», *A mulher na sociedade portuguesa: Visão histórica e perspectivas atuais, Atas do Colóquio*. Vol. 1. Coimbra: Instituto de História Económica e Social da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Monteiro, Nuno Gonçalo (2011). «Casa, casamento e nome: fragmentos sobre relações familiares e indivíduos», *História da vida privada em Portugal: A Idade Moderna*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Oliveira, Cavaleiro de (1966). *O Galante Século XVIII*. Compilação e tradução de Aquilino Ribeiro. Lisboa: Livraria Bertrand.

O casamento em Portugal à luz do teatro de cordel
do século XVIII

- (1922) *Recreação Periodica*. Prefácio e tradução de Aquilino Ribeiro. Tomo II. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Sampaio, Albino Forjaz de (1922). *Subsídios para a História do Teatro Português: Teatro de Cordel*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.
- Santos, Maria José Moutinho (1987). *O folheto de cordel: Mulher, família e sociedade no Portugal do Séc. XVIII (1750-1800)*. Dissertação de mestrado em História Moderna. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Vovelle, Michel, dir. (1996). *L'Homme des Lumières*. Paris: Éditions du Seuil.